

BORGES, Bento Itamar. **Ensaaios filosóficos e peripécias do gênero**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

*José Mauricio de Carvalho**

O livro de Bento Itamar possui cinco capítulos e um apêndice voltados para a descrição e defesa do ensaio como gênero de escrita próprio para assuntos difíceis e que demandam aproximações contínuas como ocorre geralmente com os problemas filosóficos.

No primeiro capítulo, o autor apresenta um relato histórico atribuindo a Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) o mérito da criação do ensaio. O estilo livre e elegante de Montaigne contrastava com as preocupações metodológicas e eruditas dos textos filosóficos geralmente encontrados no séc. XVI. O propósito do pensador era fortalecer perspectivas de aproximação daqueles assuntos “arredios à mera coleta de evidências” (p. 9). Pelas características da descrição “o ensaio pode parecer desconexo e até contraditório a um homem da ciência” (p. 9) porque nele o assunto é considerado às apalpadelas, “cambaleante a escorregar entre tropeços” (p. 10). O ensaísta retoma o assunto diversas vezes, mesmo que a interrupção e recomeço pareça repetição. O autor esclarece que não só Montaigne emprega o ensaio, também dele se vale John Locke (1632-1704), apesar da diferença de estilo e de atitude especulativa dos dois filósofos. Um outro aspecto importante do estilo de Montaigne é a capacidade de observar o comportamento humano que ele descreve em capítulos curtos. O ensaio possui ainda outras características como: a elegância da forma, parcimônia no uso das palavras, simplicidade contrária à verbosidade e a ostentação. Montaigne evita o uso do jargão por ele tido como pedante, bem como de se gabar ou ostentar

* Professor Adjunto do Departamento das Filosofias e Métodos da Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: mauricio@funrei.br

conhecimento. Para ser mais bem compreendido Montaigne usava o francês ao latim. Comparando a forma de escrita do ensaísta francês com a do empirista inglês John Locke, o autor segue aprofundando as características do ensaio. Distingue-o do gênero de memórias “pois o ensaísta toma notas frescas do que vivencia e lê, antes que o filtro do esquecimento acione um falseador critério de relevância” (p.21). Outro ponto importante dos ensaios é a despreocupação com os remendos o que não se nota em Locke. O empirista igualmente adota características do trabalho acadêmico de modo que os seus ensaios se aproximam da forma de um Tratado, diferente do estilo de Montaigne. Ambos têm, contudo, o ensaio como uma forma de perseguir a verdade e para Montaigne mais que para Locke isso significa que ele não desejava provar a verdade. Outro aspecto do ensaio que Bento Itamar explora é a abertura aos temas. Assuntos como a morte, que não encontrariam abrigo em outros gêneros literários, podem ser tratados sem preconceitos nos ensaios. O tamanho também é importante, os ensaios não são longos. Durante o século XX o ensaio volta à cena filosófica com pensadores como Theodor Adorno (1903-1969). Diz o autor que “o ensaio, segundo Adorno, não é uma construção fechada (...), ele não tenta corrigir a perda por meio da abstração, não busca perenizar o transitório, nem pretende definir, não é obcecado por fundamentos, por isso não cava par exibir os alicerces, nem exige travejamento ou o plano da construção, não é igual à verdade tradicional e nem derivado da teoria” (p. 34).

Diferentemente dos ensaios, os Tratados são escritos mais longos. Bento Itamar examina-os no capítulo segundo. Explica que no século XVII foram comuns os Tratados de Método. Esse gênero nasceu no universo medieval, mas teve força num período da modernidade em que os homens confiaram na capacidade do espírito falar do mundo. O método se desenvolve na própria atividade de pensar, não se aprende de antemão e depois o aplica. Ordinariamente tais tratados não possuem a graciosidade da poesia e é repetitivo. Eles são dissertativos, mas podem igualmente descrever os fatos como os elaborados por Aristóteles (384-322 a. C.). O Tratado Descritivo foi muito importante para promover o

progresso “que a cosmologia experimentou sobre o material mítico da cosmogonia, pois se tornou mais plausível descrever o mundo a partir de um princípio lógico do que demonstrar que ele tivesse sido plasmado através de diferentes condensações e diluições da matéria” (p.40). Na Idade Média, a palavra *Summa* passou a ser usada pra designar os tratados de teologia especulativa. As *summas* deixaram de ser escritas no século XIV, mas o método usado para concebê-las continuou sendo utilizado. O método era um esforço pra esgotar o assunto que era abordado exaustivamente de pontos de vista distintos. Nos tempos modernos, o tratado ganhou novos elementos como o resumo antecipado de Blaise Pascal (1623-1662) que se parece com um projeto de pesquisa. O físico holandês Christiaan Huygens (1629-1695) chama atenção para o cuidado com os limites do conhecimento, cuja análise é incorporada aos tratados na ocasião. O *Tratado Político* (1670) de Baruch Spinoza (1632-1677), deixa de fazer uma enumeração exaustiva dos fatos para preocupar-se com o fundamento e será apresentado como fonte incompleta ou provisória do saber, refletindo o ambiente acadêmico dos novos tempos. Um pouco mais tarde os *Princípios de filosofia do Direito* (1821) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) fazem uma síntese entre um tratado de método e um descritivo, além do caráter sistemático de sua filosofia. Trabalhos como o de Hegel deixaram de ter impacto no século XX, porque coletâneas e reflexões sobre problemas ganharam evidência e prevaleceram sobre tentativas de elaboração de sistemas.

O capítulo seguinte examina textos curtos que o autor denomina de fragmentos e aforismos. Ele lembra que os fragmentos dos primeiros filósofos não constituem propriamente um gênero de escrita, mas surgiram do desgaste do material que deles conhecemos. Os textos dos pré-socráticos se perderam durante a história e essa é a origem dos fragmentos que deles temos hoje em dia. No entanto há registro de pequenos textos que foram preservados na íntegra. Eles tinham freqüentemente um caráter moral e foram denominados de aforismos. São comuns os aforismos em diversos livros da Bíblia. No século XVII o aforismo voltou a ganhar destaque e foram usados por moralistas escritores como

François La Rochefoucauld (1613-1680) autor de *Sentenças e máximas morais* (1664), naquele momento acrescidos de doses de humor e sarcasmo. O gênero foi utilizado igualmente por Giambattista Vico (1668-1744) e Friedrich Schlegel (1772-1829). Esse último o compreendeu “como gênero próprio para expressar uma atitude presa ao círculo da repetição” (p. 65). Filósofos contemporâneos como Adorno e Max Horkheimer (1895-1973) usam o aforismo para tratar a vida quebrada pela guerra, desterro e alienação.

O penúltimo capítulo considera o uso do ensaio na cultura brasileira. A constatação inicial é a de que o ensaio não foi devidamente valorizado na vida universitária e o motivo remonta ao preconceito contra o gênero criado na Universidade de São Paulo. Daí um certo preconceito contra o ensaio que contaminou o mundo universitário. No entanto, apesar do preconceito, vários intelectuais o usaram. Bento Itamar destaca entre os mais famosos um grupo de sociólogos marxistas destacando Florestan Fernandes (1920) e Fernando Henrique Cardoso (1931). No entanto, esclarece, o repúdio ao ensaio prevaleceu entre a rigorosa escola sociológica paulista com prejuízo para a discussão acadêmica que não incorporou, por exemplo, trabalhos como os de Gilberto de Melo Freyre (1900-1987). Eis o resultado do preconceito na síntese que nos apresenta o autor: “não será um mero acaso que tenhamos que nos afastar dos centros universitários, sobretudo da USP, para restabelecer a história do gênero ensaio no Brasil. Além de Freyre, em Pernambuco, e de José Lins do Rego, na Paraíba, encontramos Euclides da Cunha em paisagens mais distantes ainda” (p. 81). Esse último escreveu sobre a Amazônia e o conflito de Canudos, exprimindo-se como um viajante em movimento que dá expressão artística ou científica à paisagem. A sua descrição ensaística repleta de adjetivos recebe críticas de Martins, mas é possível defendê-lo porque permanece um grande escritor. Sua característica mais marcante é um vocabulário inovador para tentar ser mais feliz na descrição dos fatos. Sua obra quer pelas características ensaístas, quer pela descrição jornalística, deve ser valorizada. Ela revela rica tensão que entra a intenção literária e a tentativa científica. Outro

trabalho importante que Bento destaca são os *Ensaio de Filosofia Crítica* de Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) nos quais ele se afasta do espiritualismo católico para iniciar uma reflexão inovadora sobre a cultura brasileira. Cultura brasileira que também é tema dos ensaios iluministas escritos no Seminário de Recife durante o século XIX. Diversos autores passaram a se valer de ensaios deixando contribuição importante para a cultura nacional como Raimundo de Farias Brito (1862-1917), Miguel Reale (1910-2006), Caio Prado Júnior (1907-1990) e Euryalo Canabrava (1908-1978). A filosofia no Brasil encontra seu caminho e o ensaio é um instrumento que se apresenta à disposição dos pensadores.

No último capítulo o autor faz uma defesa da utilização do ensaio na academia contrariando a tradição do mundo universitário brasileiro. O ensaio acadêmico foi usado inicialmente para descrever as técnicas de exploração do carvão e as condições de vida das famílias de trabalhadores franceses pelo economista e engenheiro francês Frédéric Le Play (1806-1882). O ensaio mostrou-se adequado para tratar do que é provisório e precário na vida humana. Além disso, o ensaio acolhe a possibilidade do erro, pois nem sempre os projetos trazem resultados esperados. Como o ensaio, diz o autor, costura áreas de conhecimento e de experiências diversas favorecendo o trabalho multidisciplinar ele é importante, mesmo quando acolhe o fracasso. Exemplo de integração do fracasso é o reconhecimento que certos transtornos psicológicos não têm propriamente cura. A pesquisa na psicanálise fica enriquecida com o uso do ensaio, pois o pesquisador tira proveito de um instrumento que não se fecha com os dados da pesquisa empírica. É também o que ocorre na arte onde o ensaio é importante para traduzir o pensamento criativo e aberto.

Para terminar o livro temos o apêndice intitulado *Os vãos que vão na letra*. Trata-se de texto de reflexão elaborado para um grupo de estudos na UFRGS. Nesse ensaio, o autor revela o vazio que fica entre as sentenças, como o que deixa de ser dito quando comunicamos algo. Além disso, a escrita é ambígua, traz elementos contraditórios, revela coisas novas. Por isso, ao lado da escrita há também outra forma de comunicação que não vem da letra, mas

de uma certa sabedoria natural, ginga ou onda, que ele traduz por treta: “Quem resolve as coisas na treta sabe o modo de fazer, é jeitoso e pode correr o mundo, aventurar-se. Os bobos ficaram na aldeia, na corte, enquanto os treteiros e perdulários, pródigos e prodígios caíram na estrada” (p. 148). A treta não é o trejeito inconsciente ou a transgressão doentia, ao contrário é uma forma de dizer o que vai além da letra e há sempre algo a dizer nesse sentido.

A defesa do ensaio como gênero de escrita nos coloca diante da dificuldade de comunicar o que se pensa e do desafio que isto representa para o filósofo, de modo que a comunicação é um dos problemas associados à origem do pensamento. Ao lado das dificuldades nascidas do conteúdo, o autor nos coloca diante do desafio que representa a forma de comunicar um texto filosófico. O ensaio aparece como instrumento versátil e adequado para tratar questões difíceis que demandam idas e vindas da reflexão, conseguindo o autor chamar atenção da academia para uma forma de comunicação que os acadêmicos nem sempre olharam com entusiasmo.

Data de Registro: 21/11/07

Data de Aceite: 11/12/07